

FOLHETOS DE CORDEL E TIPOGRAFIA NO CEARÁ

Gilmar de Carvalho*

RESUMO: O Ceará destaca-se, no Brasil, como centro de produção de poesia de cordel e xilogravura, essa inicialmente atrelada aos versos, adquirindo autonomia em um segundo momento. Juazeiro do Norte e Crato, no interior do estado, e a capital, Fortaleza, são os espaços de concentração de poetas, gravadores e editores-tipógrafos, que conhecem um período de grande sucesso editorial, seguido, mais recentemente, de um arrefecimento, que se pode explicar, em grande medida, pelas mudanças nos modos de produção. A história editorial dessa poesia popular de tradição oral e impressa no Ceará é traçada aqui de forma sintética, na convicção de sua relevância para a história literária e editorial brasileira.

Palavras-chave: Folhetos de cordel. Edição cearense. Tipografia cearense. Xilogravura. Poeta editor.

RESUMÉ: Ceará se confirme au Brésil en tant que centre de production de poésie de cordel et de xylographie, celle-ci liée d'abord aux couplets, en acquérant une autonomie dans un second moment. Juazeiro do Norte et Crato, des villes à l'intérieur de cet état, et la capitale, Fortaleza, sont les espaces de concentration des poètes, graveurs et éditeurs-typographes, qui vivent une période de grand succès éditorial, suivi plus récemment par un déclin, qu'on peut expliquer, à une large mesure, par les changements dans les modes de production. L'histoire éditoriale de cette poésie populaire de tradition orale et imprimée en Ceará est ici ébauchée de forme synthétique, sur la conviction de sa pertinence pour l'histoire littéraire et éditoriale brésilienne.

Mots clés: Poésie de cordel. Édition au Ceará (BR). Typographie au Ceará (BR). Xylographie. Poète éditeur.

O estudo da editoração de folhetos de cordel remete à implantação da atividade gráfica e pressupõe um rastreamento da produção tradicional, considerada, por conta do viés elitista, como material pitoresco e excluída da maior parte dos estudos no campo da história da imprensa e da literatura. A atividade tipográfica tem como marco, no Ceará, a implantação do primeiro prelo, em 1824, consequência da adesão da Província à Confederação do Equador. A 24 de abril daquele ano circulou o primeiro número do *Diário do Governo do Ceará*, órgão que visava dar sustentação à conflagração desencadeada a partir de Pernambuco, com uma repercussão capaz de justificar sua inserção na História brasileira.

Embora não possa ser classificada como cordel, a poesia de Juvenal Galeno (1836/ 1934) ecoa a poesia da voz, com destaque à reelaboração de cantos de trabalho, à recolha de material tradicional e à adoção das formas da expressão tradicional.

* Gilmar de Carvalho é Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC São Paulo, Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, e Bacharel em Comunicação Social e em Direito pela UFC, onde atuou como docente até 2010, quando se aposentou. Autor de diversas publicações, dentre as quais destaca-se *Patativa do Assaré* – Uma biografia, já em terceira edição, *Lyra Popular: o cordel do Juazeiro*, em segunda edição, e *A xilogravura de Juazeiro do Norte*.

O autor de *Prelúdios Poéticos*, publicado no Rio de Janeiro, em 1856, depois de ter recebido no Sítio Boa Vista, em Pacatuba, a visita dos membros da Comissão Científica de Exploração (1859/1861), passou a fazer uma poesia de sua "aldeia". Segundo alguns relatos, teria recebido esta recomendação de Gonçalves Dias. Marco desta reviravolta, o livro *Lendas e Canções Populares* foi publicado em 1865.

José de Alencar, em uma carta de *O Nosso Cancioneiro* (1874), constatava: "Em minha infância, passada nas cercanias da lagoa de Messejana, [...] quase todas as noites, durante os invernos, ouvia eu ao nosso vaqueiro o romance ou poemeto do Boi Espácio". Foi Alencar quem encomendou um dos registros do "Rabicho da Geralda" ao jovem Capistrano de Abreu.¹

Chama a atenção a promessa não cumprida, da Padaria Espiritual (1892/1896), de organizar um "cancioneiro popular genuinamente cearense",² bem como a recolha feita por Silvio Romero da "rica poesia" do Ceará, com destaque para o improvisador ambulante, o mestre do desafio.³

A passagem da oralidade para o registro escrito dessa produção tem raízes no cancioneiro medieval, nos romances de cavalaria, nas matrizes arquetípicas, e se sedimentou na listagem de cantadores, arautos dessa literatura de folhetos, levantada por Rodrigues de Carvalho no *Cancioneiro do Norte*, cuja primeira edição é de 1903.⁴

Leonardo Mota publicou *Cantadores* em 1921, em que, do cordel, apresenta apenas o poeta João Mendes de Oliveira, a quem dedica um capítulo do livro. Muitos anos depois (1965), Eduardo Campos ouviu o Cego Aderaldo e organizou a autobiografia do velho cantador.

Do Ceará saíram duas competentes antologias de cordel: uma com o selo do CERES, por meio da Secult Ceará, em dois volumes, coordenados por Oswald Barroso (anos 1970) e outra editada pelo Banco do Nordeste do Brasil, organizada por Ribamar Lopes (anos 1980).

¹ Alencar declarou: "Na primitiva poesia popular do Ceará, predomina o gênero pastoril como era razão entre populações principalmente dadas à indústria da criação."

² A elaboração do Cancioneiro está prevista no artigo 34 do Programa de Instalação da Padaria Espiritual. A recolha coube a José Carvalho e ao todo foram levantadas 35 quadras publicadas pelo jornal *O Pão*.

³ A pesquisa de Romero, publicada em 1888, e transcreveu a "Xácara de Flores-Bela", "Chula a Três Vozes" e "Sarabanda", como peças de procedência cearense. Ele criticou Alencar por ter fundido as variantes do Rabicho em um único texto.

⁴ Depois de dizer que "No Ceará, a vocação poética é quase uma característica dos filhos desta terra", Rodrigues de Carvalho lista os cearenses incluídos no seu *Cancioneiro do Norte*, com destaque dado ao cantador cratense Zé de Matos.

Vale a pena chamar a atenção para a brecha que ocuparam esses artistas no estabelecimento de pequenas gráficas, com estrutura familiar, mais próximas das corporações medievais de ofício que da Revolução Industrial. O acesso a técnicas de reprodução teria mostrado a necessidade da recuperação da produção que circulava oralmente, viabilizando uma atividade editorial que teria fundas repercussões na cena cultural brasileira.

1 Prelos e política

No século XIX, no Ceará, a hegemonia de Fortaleza não era incontestável, e a atividade jornalística se relacionava com a luta política. Não por acaso, Aracati, porto do escoamento das riquezas da terra, foi a primeira cidade interiorana a contar com jornais, em 1831, chegando a ter três gráficas em funcionamento no período entre 1860 e 1869, segundo o historiador Geraldo Nobre.⁵

Como reforço a essa ligação entre imprensa e poder, está o fato de Sobral e Crato apresentarem uma quantidade expressiva de publicações, no período em estudo. Sobral publicou 119 títulos entre 1864 e 1940, segundo levantamento de D. José Tupynambá da Frota; Crato, 162, do pioneiro *Araripe*, em 1855, até 1955, conforme estudo do pesquisador F. S. Nascimento.

Entretanto, não foi nessas cidades de intensa vida política e cultural para os padrões da época, tampouco em Baturité, produtora de café, com tipografia desde 1876, ou nas outras cidades onde foram impressos jornais no século XIX, como Maranguape, Granja, Viçosa, Ipu ou Quixadá, que se desenvolveu a editoração de folhetos como uma atividade sistemática. Foi em Juazeiro do Norte, núcleo que se expandiu a partir da figura do Padre Cícero Romão Batista (1844/1934), deixando de ser a Fazenda Tabuleiro Grande, pertencente ao Crato, para se transformar, a partir da visita do jovem padre, em 1872, na mais importante e vigorosa cidade do interior cearense,⁶ que o registro da produção poética ganhou força de uma atividade cultural importante, e significativa como negócio.

⁵ As tipografias de Aracati, no período 1860-1869, eram a Aracatiense, a de A Época e a Social.

⁶ Com 270.383 habitantes (estimativa do IBGE para 2017), Juazeiro do Norte integra a Região Metropolitana do Cariri e conta com 2 emissoras de televisão, várias emissoras de rádio, um semanário, sedia a Universidade Federal do Cariri (UFCA), o Aeroporto Regional do Cariri e um shopping center, hipermercados, faculdades particulares e um polo gastronômico.

Juazeiro tornou-se centro das diásporas nordestinas, a partir dos “fatos extraordinários” de março de 1889, quando a hóstia teria se transformado em sangue no instante da comunhão da beata Maria de Araújo. Estabeleceu-se uma contínua romaria ao sacerdote, representante de uma religiosidade sertaneja, às voltas com punições, mas sempre obediente à hierarquia eclesiástica, o que possibilitou a formação de um público que passou a conhecer e a consumir folhetos.

Foi esse o percurso do alagoano José Bernardo da Silva (1901/1972), natural de Palmeira dos Índios (AL), afrodescendente, de vendedor de ervas e raízes a poeta impressor de trabalhos avulsos, que veio a se tornar um dos mais importantes editores de literatura de folhetos de todos os tempos.

2 As raízes

O fato de o catálogo da livraria de Silva Serva, Bahia, datado de 1811, incluir títulos como *Carlos Magno e Roberto do Diabo*; de a Imprensa Regia ter editado, em 1815, a *História da Donzela Teodora*; e da casa editora Plancher ter introduzido no Brasil *A Verdadeira História da Princesa Magalona*⁷ é significativo da aceitação e da importância desses títulos em um país que só tardiamente tinha acesso ao meio de reprodução impresso, mas não diz de uma atividade contínua de impressão de textos da tradição oral e cópias manuscritas de mais fácil circulação.

Apesar desses títulos constarem dos catálogos de grandes casas editoras, os jornais cearenses do século XIX⁸ não registram a venda desse material, base para a formação do repertório dos poetas sertanejos.

Ao contrário do que preconizava Sílvio Romero, a proliferação dos jornais não contribuiu para a extinção da literatura de folhetos,⁹ antes, por meio da interiorização das máquinas que se tornavam obsoletas para os grandes centros, as gráficas se multiplicaram e puderam, no tempo ocioso, imprimir a produção da poesia oral.

Leandro Gomes de Barros (1865/1918) destaca-se em meio a cordéis esporádicos que teriam circulado no Nordeste. Autor de um *corpus* expressivo de folhetos, teria sido o iniciador dessa

⁷ Os títulos citados, se não eram folhetos, constituíram matrizes da produção popular.

⁸ Dedução feita a partir da leitura de *O Cearense*, *O Commercial*, *O Araripe*, *A Idéa*, *O Retirante*, no acervo de microfilmes da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará.

⁹ “Os livros de cordel vão tendo menos extração depois da grande inundação dos jornais”, afirmava Sílvio Romero.

atividade¹⁰ sistemática. Tomando por base uma nota na quarta capa de um folheto de 1907, pode-se afirmar que ele teria começado a publicar em 1889, em Vitória de Santo Antão e Jaboatão (PE), os quase mil títulos a ele atribuídos.

A possibilidade de viver de literatura de folhetos parece ser a conclusão mais significativa da história de vida do poeta paraibano. Leandro Gomes de Barros estabeleceu o primado da autoria, em uma atividade que, por suas raízes tradicionais, era anônima.

O conceito de autor, controvertido e relativamente recente, provoca querelas sobre plágio e apropriação no campo da literatura de cordel. Muitas vezes, Leandro Gomes de Barros se viu às voltas com problemas de direitos autorais, tendo impresso em alguns dos seus folhetos que, a partir de determinada data, passaria a incluir sua foto nas publicações, como forma de autenticá-las.

Leandro Gomes de Barros imprimiu seus folhetos na Imprensa Industrial, no *Jornal do Recife* e nas tipografias Moderna, da Livraria Francesa, Mendes, Miranda, Perseverança, recorrendo aos serviços gráficos de Chagas Batista, estabelecido na capital da Paraíba com a Popular Editora, ou de Pedro Batista, livreiro radicado em Guarabira (PB) que, posteriormente, foi detentor dos direitos de publicação de sua obra. Leandro, de acordo com Carlos Drummond de Andrade, foi, no julgamento do povo, “rei da poesia do sertão e do Brasil em estado puro”.¹¹

João Martins de Athayde (1880/1959) levou para a editoração popular uma proposta de atividade empresarial. Foi dono de gráfica, a partir de 1911, e adquiriu, em 1921, por intermédio da viúva de Leandro, falecido em 1918, os direitos de publicação do poeta paraibano, desde então em poder de seu genro, o editor Pedro Batista.

Nesse momento se deu, mais nitidamente, a passagem do autor-proprietário para a figura do editor-proprietário. Athayde, que no início de sua carreira se promoveu por conta de uma hipotética peleja travada com Leandro, o qual tratou de desmascará-lo, dizendo em um folheto não o conhecer,¹² passou a dividir com a Editora Guajarina, de Francisco Lopes, sediada em Belém (PA), detentora de um alentado catálogo, o mercado de romances e folhetos, numa fase de grande volume de vendas e forte impacto de suas mensagens.

¹⁰ Fala-se na atitude pioneira de Silvino Pirauá, mas o material coletado indica uma relevância de Leandro Gomes de Barros, difícil de ser contestada.

¹¹ Citado por Homero Sena na apresentação do volume III da Antologia da Casa de Rui Barbosa (ver bibliografia)

¹² Leandro afirmou não conhecer Athayde na quarta-capa de *O Diabo na Nova Seita*, a propósito do folheto *Discussão de Leandro Gomes de Barros com João Athayde*. Posteriormente, Leandro mudou de ideia e citou Athayde em *O Galo Misterioso, Marido da Galinha de Dentes*, segundo Ruth Terra.

Athayde se dizia “um analfabeto que sempre viveu das letras”, e já protestava na quarta capa de um folheto, de março de 1921, “contra os que procuram usurpar os direitos autorais e editoriais”. Chegou a ter um estoque de mais de 800 mil folhetos.¹³ Depois do derrame sofrido em 1949, vendeu a José Bernardo da Silva os direitos de publicação do acervo que detinha.

Deslocava-se para o sul cearense o polo da atividade editorial popular brasileira, posição partilhada, em termos de mercado, com a Luzeiro do Norte, de João José Soares, no Recife, e com a Folhetaria Santos, depois Estrela da Poesia, de Manoel Camilo dos Santos, em Campina Grande.

3 A marca cearense

A impressão de folhetos no Ceará remonta ao início do século XX, com a Tipografia Minerva, de Assis Bezerra, fundada em 1892. Ruth Terra referiu-se, em *A literatura de folhetos nos Fundos Villa-Lobos* (1981), à publicação, quando da queda da oligarquia Accioly, entre o final de 1911 e o início de 1912, de folhetos com o pseudônimo de Marcus Franco Tranquilo, constantes do acervo do Instituto de Estudos Brasileiros da USP.

Da coleção do bibliófilo cearense João Carlos Neto constavam, sem indicação de autor ou editor, os folhetos *Babaquara – Últimas disposições*, em quadras; *A Victoria de Franco Rabelo* (1ª parte), cuja quarta capa remete a um segundo volume da mesma publicação; e *A Queda de Babaquara*, seguido do poema "Ao Novo Governo", em que uma importante pista é dada no apelo feito à leitura da *Lyra do Poeta*, coletânea que Chagas Batista organizou e publicou na Paraíba, em 1910.

Na Introdução ao *Milagre em Joazeiro*, Della Cava escreveu: “Surgiu, além disso, uma vasta literatura ‘mítica’; bardos nordestinos dos sertões e cantadores apropriaram-se, por volta de 1900, da figura profética do Padre Cícero e introduziram-na no seu repertório popular” (1976, p. 17).

A edição de 6 de fevereiro de 1910 do semanário *O Rebate*, fundado em 1909, pelo padre Alencar Peixoto, para lutar pela emancipação política de Juazeiro, veiculou o poema “O Padre do Juazeiro”, de Leandro Gomes de Barros, com 25 estrofes em sextilhas:¹⁴ “É um padre exemplar / O padre do Juazeiro; / Dão-lhe esmolas e dá esmola / E não é interesseiro / Tudo o que faz é graça, / Não aprecia dinheiro”.

¹³ De acordo com Orígenes Lessa em *A Voz dos Poetas*.

¹⁴ Além deste poema do Leandro Gomes de Barros, "O Rebate" publicou outros cordéis do mesmo autor e de Pacífico Pacato Cordeiro Manso. O mais importante foi o fato do espaço ter acolhido a produção de trovas e poemas de autores feitos em folhetos e de ter disseminado esse modelo pelo Joazeiro.

Outros folhetos de cordel foram reproduzidos pelo semanário, que inaugurou a seção intitulada “Lyra Popular”, ilustrada pela xilogravura de um violeiro diante de um casario. Essas publicações devem ter levado a uma recepção maior do jornal e estimulado a produção local.

Além desse papel importante na divulgação da poesia de folhetos, *O Rebate* também teve papel decisivo em relação à xilogravura, pelo fato de ser gravador o chefe de suas oficinas, o pernambucano Antonio Vicente Ferreira do Nascimento.

Em anúncio publicado em 1919, na quarta capa do folheto *O Cachorro dos Mortos*, Pedro Batista se dirigia aos chefes de polícia dos Estados do Pará e do Ceará para protestar contra Francisco Lopes, titular da Guajarina, e Luiz da Costa Pinheiro, que “tem criminosamente feito imprimir e vender este e outros folhetos de Leandro Gomes de Barros sem a menor autorização da minha parte”.

Considerando-se o “legítimo dono de toda a obra literária” do poeta, Pedro Batista forneceu indicação sobre a atividade editorial que desenvolvia em Fortaleza o poeta e editor potiguar Luiz da Costa Pinheiro (sem data/1963), cujos direitos de publicação foram cair nas mãos de Olegário Pereira Neto (1902/1946), poeta e editor de Pernambuco, estabelecido em Juazeiro do Norte com a Folhetaria Santa Luzia do Norte. Depois de sua morte, em 1946, os títulos que detinha foram incorporados ao acervo de José Bernardo da Silva.

Olegário chegou a imprimir em um folheto a afirmativa de que ninguém se admirasse de ele passar a assinar os folhetos de Luiz da Costa Pinheiro, já que ele os havia adquirido, atitude que deixa clara a modalidade das negociações em torno dos direitos do autor.

A literatura de folhetos ganhou relevo no Ceará com a Folhetaria Silva, “agente de livros do trovador José Bernardo da Silva”, no quadrilátero nobre da cidade.

O editor e poeta ocasional passou a publicar folhetos depois da chegada ao Juazeiro, em 1926, recorrendo à gráfica da Diocese do Crato, depois à Empresa Gráfica Ltda. (da Fundação Padre Ibiapina) e à Tipografia Cariri.

José Bernardo se tornou o maior agente da folhetaria de Athayde, e com a aquisição, em 1936, da primeira máquina a pedal, deu início a uma história de sucesso editorial.

A compra, em seguida, de uma “quebra-pedras”, que imprimia oito páginas, impulsionou a produção de folhetos e levou à edição de livros, como *Duas Palavras*, de José Machado, em 1948, e à impressão, em larga escala, de novenas e orações na época das romarias.

O poeta Expedito Sebastião da Silva (1928/1997), no folheto *Resumo Biográfico de José Bernardo da Silva*, fixou o processo de consolidação da folhetaria em versos como estes: “E a Tip. São Francisco / se desenvolveu ligeiro / tornando-se conhecida / por este Brasil inteiro / graças à bênção que lhe deu / o santo de Juazeiro”.

O empreendimento envolvia toda a família Silva na feitura e acabamento dos impressos, os quais abasteciam uma rede de representantes e agentes que ia da Bahia, com Nigro A. Silva, a Manaus, com Cícero Lino dos Santos,¹⁵ e que por conta da estabilidade econômica chegava a ter o preço impresso na capa.

O editor sabia de suas limitações como poeta, mas tinha consciência da importância do negócio em que se envolvia e das fundas repercussões dos folhetos na cultura regional. Adotou a venda pelo reembolso postal, que abandonaria em seguida, passando a exigir que os pedidos viessem acompanhados “das respectivas importâncias, inclusive dos portes”. Essa prática, cronologicamente, coincidiu com a compra do acervo de Athayde, a inserção de anúncios nos folhetos,¹⁶ e a publicação de catálogos de títulos que consolidariam a importância de José Bernardo da Silva no contexto da difusão da produção tradicional.

José Bernardo diversificava suas atividades, no campo das artes gráficas, com o almanaque *Lunário Moderno ou Manual do Nordestano*, do Dr. Israel, pseudônimo de Manoel Pereira Diniz, paraibano de Alagoa Nova (1887/1949), formado em Direito no Recife, radicado em Juazeiro, onde fundou o Colégio São Miguel, cuja proposta era “adaptar o Lunário Perpétuo ao hemisfério sul”. Esse almanaque foi reeditado em 1945.

Com a venda de livros didáticos e material escolar, a Livraria Bernardo ganhou destaque na edição do *Álbum de Juazeiro*, publicado em 1951, nos 40 anos de emancipação do município.

A Tipografia d’*O Juazeiro*, que pertenceu a José Geraldo da Cruz, depois a Aldeziro Maia, e hoje se denomina Sobreira, e a Mascote, fundada em 1939, com a proposta de ser “a tipografia líder do sertão”, também imprimiam folhetos, esporadicamente.

¹⁵ A lista dos agentes incluía Nigro A. Silva, recebedor e distribuidor exclusivo para a Bahia; Lino Ferreira Neto, em São Luís; Cícero Lino dos Santos, em Manaus (AM); Pedro Tavares Campos, em Belém (PA); Antônio Emídio da Silva, em Natal (RN); Antônio Alves da Silva, em Teresina (PI); Joaquim Cesário, em Coroatá (MA); Artur Sales, em Maceió (AL); Pio José de Almeida, em Porto Velho (RO). Em Recife, Delarme Monteiro foi agente e, depois de desentendimento com José Bernardo, foi substituído por Carlos Costa. Lindalva Costa, João José da Silva, Alfredo Casado e Edson Pinto, em épocas diferentes, foram agentes da Tip. São Francisco na capital pernambucana.

¹⁶ Anunciavam nos folhetos da editora de José Bernardo: Fábrica de Doces Alvanira e Perfumaria Núbia, além da ocupação do espaço com chamadas de novos títulos e reforço dos agentes. O livro *Dois Palavras* (1948) tem 17 patrocínios comerciais.

4 A presença do Padre Cícero

Impossível pensar neste processo sem a presença do Padre Cícero Romão Batista, o carisma de sua prática religiosa e a força de sua política. Sua atuação foi marcante na ocupação racional das terras do vale cariense e da chapada do Araripe, na introdução de cultivos compatíveis, e na transformação de Juazeiro na “cidade das pequenas indústrias e do ensino profissional”, o que se teria acentuado com a chegada da estrada de ferro, em 1926, possibilitando a circulação das riquezas e o deslocamento de pessoas.

Deve ser destacado o estímulo que teria dado a poetas, artesãos e brincantes, para que escolhessem a cidade como sede de suas atividades, o que teria desencadeado uma explosão de criatividade. Era a máxima beneditina do trabalho e fé, traduzida na ideia de cada casa ter “um altar e uma oficina”.

A revolta de 1914, com o Padre Cícero aliado à oligarquia Accioly, enviando tropas dos chamados “molambudos” para invadir a capital e depor o presidente Franco Rabelo, foi uma luta para ampliar espaços na cena política cearense e questionar a hegemonia de Fortaleza, tendo gerado alguns folhetos.

Outro fato importante foi a visita de Lampião ao Juazeiro, em 1926, hóspede do poeta e comerciante João Mendes de Oliveira, em cuja residência se encontrou com o poeta José Cordeiro, ponto de partida para o folheto *Visita de Lampião a Juazeiro*. O poeta fez as vezes de repórter e entrevistou o cangaceiro, o que deu credibilidade ao folheto, estruturado a partir de um contato pessoal, fato ressaltado pelo cordelista nas estrofes conclusivas do cordel: “Não espero para levar / um romance publicado / porque o tempo não dá /e mesmo eu tou vexado / mas espero no sertão / me chegar sem dilação / este livro publicado”.

Pode-se pensar na produção poética como reforço de um projeto político mais amplo, ainda não definido em documentos ou normas. Os registros mais antigos parecem indicar João Mendes de Oliveira, que se dizia “um historiador brasileiro”, como um dos primeiros a perceber a atividade poética como economicamente viável e a incluir em seus folhetos, além do panegírico do Padre, conselhos aos romeiros, numa adequação do conteúdo ao público que visava atingir, o que, por si só, justificaria sua importância no contexto da literatura de cordel no Ceará. Ele teria publicado, em 1918, o folheto *Os Conselhos de Meu Padrinho Cícero Romão Batista*.

Em decorrência de ter aglutinado esse processo, o Padre Cícero tornou-se o centro de um dos chamados ciclos temáticos, inspirando um *corpus* que vai de seu nascimento à sua morte, sendo invocado para reforçar pressupostos e ilustrar eventos contemporâneos, num texto coletivo de grande força e significado.

Quantitativamente, ele está presente nos 66 títulos do Catálogo da Fundação Casa de Rui Barbosa (1961); nos 24 com que trabalhou Renato Dantas, no texto "Os Folhetos do Padre Cícero", publicado no nº 5 do *Boletim do Instituto Cultural do Vale Caririense* (1978), e nos 59 folhetos da pesquisa de Paulo Machado, publicada no livro *Padre Cícero e a Literatura de Cordel* (1982).

5 A produção poética

Em uma estrutura marcada por menor rigidez dos papéis sociais, o poeta se descobriu assumindo a posição de porta-voz e autor de um texto antes elaborado coletivamente. João Quinto Sobrinho (1900-1983), que passou a assinar João de Cristo Rei, em razão de promessa para restabelecimento da saúde, foi levado a assumir o papel de poeta, ao pedir ao Padre Cícero aprovação para um poema que escrevera. “Você de agora em diante vai ser poeta”, relembra em depoimento ao Centro de Referência Cultural do Ceará (CERES).

João de Cristo Rei, que sempre recorreu às gráficas de Juazeiro, do Crato e das cidades para onde viajava, como Sousa (PB), foi vítima de plágio, prática que tentou inibir publicando, na quarta capa de um folheto, esta estrofe: “Meu folheto é registrado/ Processo dentro da lei/ Ladrão que for encontrado/ Publicando verço (*sic*) meu/ Sem ser por mim rubricado/...”. Ele chegou a indicar a Rua do Rosário, em Juazeiro do Norte, como local da venda de suas poesias e fez em alguns folhetos publicidade da Tipografia e Folhetaria Bom Jesus, de Jonas Crispim, localizada em Patos (PB).

A coerência de Cristo Rei de ser seu próprio editor só foi quebrada muito tempo depois, quando vendeu a Manoel Caboclo e Silva (1916/ 1996) os direitos de publicação da maior parte dos seus títulos. Apesar da insistência na temática religiosa, Cristo Rei também publicou folhetos jornalísticos sobre cheias, carestia e outros temas recorrentes neste período no qual atuou.

Também atraídos pelo Padre Cícero gravitavam, em torno de José Bernardo da Silva, xilógrafos como João Pereira da Silva, Manoel Lopes, Antônio Relojoeiro, Inocência da Costa

Nick (Mestre Noza), Walderedo Gonçalves e Damásio Paulo, que, além de poeta, era gerente da Tipografia São Francisco, impressor e gravador.

Quase todos esses santeiros ou marceneiros se iniciaram na xilogravura para ilustrar as capas dos cordéis e dar suporte ao negócio editorial de José Bernardo. A xilogravura passou a ser utilizada para a feitura de rótulos para as lojas e manufaturas da região, como anúncios dos jornais e como patrocínio dos folhetos de feira.

A habilidade manual sempre esteve presente nas artes gráficas cearenses, tendo Elias Martins de Sá desenvolvido, em 1850, um prelo de madeira para o jornal *O Juiz do Povo*. Essa habilidade encontrou soluções para a obsolescência do equipamento, que tinha sua vida útil prolongada, e foi responsável pelo incremento da xilogravura, da qual Juazeiro do Norte passou a ser um importantíssimo centro de criação. Pela mediação de Sérvulo Esmeraldo (1929/2017), o editor francês Robert Morel publicou uma *Via Sacra*, do Mestre Noza, em 1965.

Abraão Batista e Stênio Diniz, ambos poetas, o primeiro com uma grande quantidade de títulos publicados, vieram se somar a esses nomes, amplificando a dimensão da xilogravura, que fugiu do formato do folheto e da condição de encomenda para ganhar a dimensão de criação artística da maior relevância.

Outros poetas passaram a integrar esse núcleo, que restaurava uma tradição das tipografias como referências da vida comunitária, a exemplo de Manoel Caboclo e Expedito Sebastião da Silva, esse com mais de 100 títulos publicados, xilógrafo, revisor, que trabalhou cerca de 40 anos na editoração de folhetos, participando de seu apogeu e queda, registrada, poeticamente, no folheto biográfico de José Bernardo da Silva, anteriormente citado, por meio dos versos que se seguem: “Por isso aquela oficina/ antes tão movimentada/ hoje em dia se encontra/ por completo transformada/ porém no seu rumo antigo/ ainda está bem firmada”. Dentre as causas da transformação, o poeta citava o advento da televisão e o impacto da mídia eletrônica sobre os núcleos interioranos e a zona rural.

Seu Expedito assistiu às mortes de José de Souza Diniz (1928-1970), genro do editor e espécie de diretor-comercial da folhetaria; de José Bernardo (1972); de dona Ana Vicência, esposa de Bernardo (1973). Participou do período no qual dona Maria de Jesus Diniz (1929/ 1988), filha do editor José Bernardo, esteve à frente dos negócios, até a compra da maquinaria e do acervo pelo Governo do Estado do Ceará, em 1982, acompanhando sua transferência para a Praça do Cinquentenário (antigo Tiro-de-Guerra), e, posteriormente, para a Rua Santa Luzia dos primeiros

tempos, quando a Tipografia São Francisco ganhou o nome de Lira Nordestina, sugerido pelo poeta Antonio Gonçalves da Silva, o Patativa de Assaré (1909/2002).

Nomes expressivos da literatura de folhetos recorriam a Juazeiro do Norte para a impressão, como Moisés Matias de Moura, José Costa Leite, Romano Elias da Paz, Nobilino de Sousa, Índio Sertanejo, Teodoro Câmara, dentre outros,¹⁷ num campo que torna impossível o rigor das referências, em razão da omissão de datas, dos editores e gráficas, e do tipo de relação contratual que cercava as publicações, porém, com a procedência de Juazeiro do Norte, conforme se depreende do Catálogo da Casa de Rui Barbosa.

Essa influência persistiu em uma geração de poetas que não conheceu o Padre Cícero, nem trabalhou com José Bernardo, mas optou por vir ou permanecer na cidade, atraída pelas romarias e pelo clima de efervescência cultural, como Abraão Batista, Pedro e João Bandeira, Geraldo Amâncio, Paulo Batista, Francisco Zênio e Jackson Barbosa, José Edmilson Correia (Zé Mutuca), Severino do Horto, Rosário Lustosa, dentre outros,¹⁸ que mantiveram viva a produção de folhetos.

6 Uma qualidade artesanal

Nunca é demais chamar a atenção para a participação de mestres, aprendizes e obreiros no processo editorial, bem como para certas peculiaridades que marcam todo o desempenho dessa atividade. A questão da transposição da barreira do analfabetismo para chegar ao registro da produção e, no caso dos editores, de deter uma tecnologia rudimentar para os padrões de hoje, mas em sintonia com os processos tipográficos vigentes à época, não pode passar despercebida.

A polêmica em relação à autoria se resolvia com a admissão de que ao editor-proprietário cabiam todos os direitos sobre a obra. Nesse sentido, é exemplar o aviso impresso em um folheto, datado de 1942: “a publicação que contiver propaganda da Folhetaria Silva lhe pertence, seja de sua (José Bernardo da Silva) autoria ou não”.

A maior parte das reclamações dizia respeito à apropriação do folheto e sua reprodução por parte de outros editores, havendo displicência e não apenas má fé na manutenção do nome de

¹⁷ Livino de Barros Neto, Arinos de Belém, João Melchiades, Chagas Batista, Honório da Pedra e Silva, podem ser acrescentados aos nomes citados no texto.

¹⁸ Zé Mutuca, José Flávio da Silva, Antônio Macedo, Moésio Barbosa, José Francisco, João Bosco de Freitas, Pedro Saldanha, Edgley Ribeiro, Edjaci Ferreira, Danilo Ferreira, Abraão Rodrigues, e Estêvão Rodrigues são outros autores de folhetos ligados a Juazeiro do Norte.

Athayde em folhetos de outros autores, mesmo quando estes já pertenciam a José Bernardo da Silva.

Liêdo Maranhão foi buscar em um episódio obscuro, que envolvia o nome de Antônio Aleluia,¹⁹ as provas de que José Bernardo lançava mão da produção de outros poetas em benefício próprio.

A Tipografia São Francisco ocupou espaços, detentora que era do *corpus* mais expressivo da literatura de folhetos, e teve de defender com veemência seus direitos, como no caso do Protesto publicado na quarta capa de folhetos de 1954, em que, depois de fazer menção ao traslado do contrato de compra e venda feito a 6 de fevereiro daquele mesmo ano, José Bernardo da Silva verberava contra os que “procuram escrever e publicar minhas numerosas trovas populares, de que sou exclusivo editor-proprietário”.

O negócio cresceu com a aquisição de novas máquinas e a antevisão de José Bernardo de iniciar Manoel Caboclo e Expedito Sebastião na astrologia, com João Ferreira de Lima (1902/1973), pioneiro na publicação de almanaques nos moldes e no formato do cordel, com o *Almanaque de Pernambuco*, em circulação a partir de 1936, que, durante algum tempo, passou temporadas longas em Juazeiro do Norte, onde imprimia o seu tesouro da sabedoria tradicional.

A prestação desse tipo de serviços passou a ser um item de destaque dentre as atividades da Tipografia São Francisco, justificando a inserção de anúncios em vários folhetos, como o publicado na quarta capa de *O Retirante*, de 1951, no qual Expedito Sebastião era elogiado “pela presteza e garantia de seus trabalhos herméticos”.

José Bernardo nunca veio a publicar um almanaque saído do “forno” de sua folhetaria, mas o filão acabou seduzindo Manoel Caboclo, sócio de João Ferreira de Lima, com quem veio a montar, à Rua São Paulo, a Tipografia Lima, de vida curta, desfeita por desavenças no campo dos negócios.

Seria ingênuo atribuir apenas a causas pessoais a queda da produção de folhetos, visto não ter havido retração do mercado, como atestavam os números exibidos pela Editora Luzeiro, de São Paulo, mas a questão sucessória dentro da Tipografia deixava claro que José Bernardo não havia preparado um substituto, centralizador que era o modo como tocava seu empreendimento.

¹⁹ O episódio é transcrito por Liêdo em *O Folheto Popular: Sua Capa e Seus Ilustradores*, página 72. Antônio Aleluia seria o pseudônimo com o qual José Bernardo publicaria no Ceará folhetos de Athayde e Severino Milanez.

Por outro lado, o desenvolvimento nordestino passava a ser uma questão da maior relevância, numa perspectiva que não privilegiava a tradição, optando pela modernização, e não levando em conta a realidade regional.

Não se pode atribuir a uma simples coincidência que o ano da implantação da Sudene (1959) seja o mesmo em que José Bernardo começou a se desfazer de seu parque gráfico.

O Projeto Morris Asimow, desenvolvido em 1960, pela então Universidade do Ceará, em convênio com a Universidade da Califórnia, visava implantar pequenas e médias indústrias na região do Cariri. Este embate entre tradição e modernidade, no melhor estilo dos desafios e pelejas, mostrava a inviabilidade de formas pré-capitalistas numa estrutura que importava tecnologias e pretendia adotar postura de estágios mais avançados do capitalismo.

Fala-se na alta do papel, na chegada dos sinais de televisão, na inflação, e na repressão que se seguiu a 1964, para explicar a queda da venda dos folhetos, o que provocava menores tiragens e a redução do movimento da Tipografia.

Enquanto a folhetaria de José Bernardo vivia sua grande crise, que era, por extensão, de toda a editoração de cordel nordestina, as folhetarias de João José da Silva e Manoel Camilo dos Santos saíam do mercado, e Manoel Caboclo e Silva, desfeita a sociedade com João Ferreira de Lima, encontrava no almanaque e nos horóscopos o sustentáculo dos seus negócios editoriais.

7 Compendo a história

Na quarta capa do folheto *O Último Sermão do Padre Cícero sobre o Fim do Mundo*, sem autor e sem data, editado em Guarabira (PB) e constante do acervo da Casa de Rui Barbosa, Joaquim Batista de Sena (1912-2001) anunciava a venda de um sítio, pois desejava “mudar de ramo de agricultura para tipografia”. Sua atividade editorial começou em Guarabira, com a Folhetaria São Joaquim, rebatizada de Graças Fátima quando se transferiu para Fortaleza, na década de 1950, cidade que conhecia de suas andanças.

Além de já ter publicado alguns folhetos em Fortaleza, o poeta, intuitivamente, achou que poderia fazer da capital cearense o foco de irradiação de suas atividades, sem a concorrência direta dos grandes editores de então.

Autor de uma das obras mais vastas e significativas no campo da poesia de cordel, em que se destacavam romances e histórias com maior número de páginas e a exigir mais talento, Sena

passou a deter, por meio de aquisição feita, em 1954, os direitos de José Camelo de Melo, o autor do *Romance do Pavão Misterioso*, autoria contestada pelo poeta João Melchiades.

Transferido para o subúrbio carioca de Olaria, Sena chegou a publicar folhetos seus, de Azulão e de outros poetas do Grande Rio e, por causa de problemas familiares, voltou ao Ceará, tendo se radicado em Redenção, na Região Metropolitana de Fortaleza. Vendeu, em 1974, todo o seu acervo a Manoel Caboclo, inclusive o que comprara de José Camelo de Melo. A partir daí, escreveu alguns folhetos editados por Vidal Santos e passou a amadurecer o projeto de uma antologia ilustrada, que englobaria o melhor de sua produção poética.

Batista de Sena foi um dos editores mais importantes de Fortaleza. O mercado da capital cearense sempre foi marcado por incursões periódicas de empreendedores de fôlego curto, que não criaram uma tradição neste campo. Vale registrar Epolari Maia, cônsul do Uruguai, com uma gráfica no centro, Moisés Matias de Moura, incansável na publicação de seus folhetos, e Benedito Matos e José Flor, estes estabelecidos no Mercado Central da cidade.

Um importante poeta de cordel de Fortaleza foi o pernambucano Moisés Matias de Moura (1891/1976). Cabo do Departamento de Trânsito, Moura publicou mais de 120 cordéis, listados em uma Gazetinha, peça promocional de sua produção. Trabalhava muito com o folheto circunstancial, cujo ponto de partida podia ser uma inundação, um desastre de trem, um jogo de futebol ou um crime. Era muito lido e uma figura respeitável da Fortaleza dos anos 1940 a 1960.

Manoel Caboclo e Silva, natural de Caririaguá (CE), se fixou em Juazeiro, a convite de José Bernardo da Silva, com quem trabalhou durante mais de dez anos, e de quem se desligou para trabalhar com João Ferreira de Lima, até evoluir para ter seu próprio negócio, graças à compra de uma máquina fundida em Campina Grande por Júlio Costa. Na Tipografia São Francisco ele acumulava as funções de compositor, impressor, cortador de papel, vindo com o tempo a escrever algum folheto circunstancial.

O principal produto da Folhetaria Casa dos Horóscopos era o almanaque *O Juízo do Ano*, que circulou, ininterruptamente, de 1960 a 1996, ano da morte de Caboclo, com 20 páginas, formato 12 x 16,5 cm, composto e impresso, nos 15 anos finais, na Gráfica Sobreira. Com a suspensão das tiragens de seus próprios folhetos, e dos que compunham seu acervo, a máquina de Caboclo e Silva passou a imprimir orações, novenas, rótulos e cartões de visita, além de alguma eventual encomenda de folheto, se afastando, paulatinamente, do negócio editorial. O álbum, que hoje faz parte do acervo do Museu do Ceará, trazia mais de 100 capas dos folhetos por ele editados,

e mostrava a importância de quem chegou a publicar grandes nomes da literatura de folhetos, sendo também responsável pela iniciação na xilogravura do filho José Caboclo e do sobrinho Arlindo Marques da Silva.

Logo em seguida à morte de Caboclo, o filho José vendeu a maquinaria para outra gráfica de Juazeiro do Norte e inviabilizou qualquer possibilidade de retomada da folhetaria.

Quando dona Maria de Jesus Diniz assumiu a Tipografia São Francisco, por volta de 1973, impôs novo ritmo de produção, optando por um catálogo com mais títulos e menores tiragens. O resultado parecia satisfatório, mas se mostrou artificial a manutenção de um estoque ao qual o mercado não dava vazão.

Ela veio a admitir, posteriormente, como razões do seu insucesso, além dos motivos de ordem pessoal, a administração em bases não empresariais, resquícios do tempo em que, em volta da mesa grande, na Tipografia anexa à casa de José Bernardo, prevaleciam as relações paternalistas e de compadrio, e todos se envolviam no acabamento dos folhetos, com hora marcada para a merenda e até para a reza.

Numa série de depoimentos que ressaltavam a cordialidade das relações, com o mascaramento dos conflitos, destoou a voz solitária de Manoel Caboclo a denunciar a falta de observância às normas trabalhistas. Mas o texto que se tece é o da grande família, com afinidades, lazer em conjunto no sítio do editor, e dedicação total ao trabalho, mesmo no caso de mutilações, como o de Expedito Sebastião, que perdeu parte do polegar direito numa impressora desajustada.

Mantendo a tradição medieval do aprendiz que se inicia na oficina, primeiro foi a voz de Antonio Lino, filho de José Bernardo, afastado da administração da Tipografia por questões sucessórias. Depois foi a vez de Stênio Diniz, neto do editor, filho de dona Maria de Jesus, riscar e escavar tacos para capas de folhetos, e chegar a ser um gravador reconhecido pelo mercado de arte.

Stênio Diniz contribuiu para formar uma nova geração de gravadores, num curso oferecido pelo Programa Intensivo de Preparação de Mão-de-Obra (PIPMO), o qual se destacaram Francisco Zênio, Goreth, Gilmar, Maciste, que se somaram a Francorli (Francisco Correia Lima), e, posteriormente, a José Lourenço Gonzaga, na manutenção dessa tradição.

A partir do final dos anos 1980, muitos nomes estreadam na xilogravura, influenciados por Stênio Diniz e Abraão Batista, como afirmaram quase todos eles. Dentre estes nomes podem-se registrar José Marcionilço Pereira Filho (Nilo), Hamurabi Batista, Antonio Leite Fernandes

(Naldo), Elosman, Cícero Vieira dos Santos, João Pedro Carvalho Neto (João Pedro do Juazeiro, Ailton Laurindo da Silva, Erivana d'Arc, Justino Bandeira. Por último, despontaram Cosmo Braz, Bruno, Cícero Lourenço, Manoel Inácio, Jussié, Demontier Lourenço, e Maércio Lopes, do Crato.

A xilogravura, associada, de forma indelével, ao folheto de feira, superou a crise do cordel e criou seu nicho de mercado.

O que todos esses artistas têm em comum é o esforço de atualizar as temáticas, mantendo a tradição; de incorporar influências massivas das histórias em quadrinhos, da televisão e da Internet; de improvisar instrumentos; e de recorrer às novas tecnologias para dar mais agilidade ao processo de criação.

8 Inevitável pessimismo

Com a venda da Lira Nordestina ao Governo do Estado do Ceará, em 1982, que a doou à Academia Brasileira de Cordel, a edição de folhetos passou a ser monopolizada pela Editora Luzeiro (SP), que, ironicamente, colocava no Nordeste cerca de 80% de sua produção de mais de um milhão de exemplares anuais. A exceção ficava por conta das gráficas de Dila, J. Borges, da Tipografia Pontes, e da produção independente que, em Juazeiro do Norte, era absorvida pela Lira Nordestina e pelas gráficas Sobreira, Mascote, Redil, Royal e Nobre.

No Crato, com a desativação da Empresa Gráfica Ltda., a Tipografia Cariri, constituída, em 1931, para imprimir o jornal dirigido pelo Dr. Antônio de Alencar Araripe, e, desde 1937, nas mãos da família Maia, deu vazão à produção de Edson Massilon, Joca do Seminário e Elói Teles, dentre outros poetas de folhetos.

Em Barbalha, a Tipografia Santo Antônio imprimia parte dos folhetos de Chico Mariano e de Agenor de Sá Barreto, “o cancionero da Rádio Salamanca”.

As novas tecnologias passaram a ser requisitadas pelos novos autores. Recorreram ao mimeógrafo, às gráficas que trabalhavam com linotipos ou com a composição a frio e impressão em offset, às fotocopiadoras e, atualmente, às gráficas rápidas. O importante era ter o folheto feito com qualidade e agilidade.

O declínio da produção nordestina de folhetos merece ser analisado sob o ponto de vista de sua inserção num contexto mais amplo das relações sociais e da produção capitalista, a qual, aliás, não hesita em recorrer ao formato e à linguagem do folheto, para difundir mensagens de produtos, serviços e lojas, servindo também como suporte de propaganda ideológica e de divulgação de campanhas eleitorais.

Quando teve a oportunidade de se estabelecer, o poeta popular passou a ser um editor, nos moldes que o pré-capitalismo ditava, de acordo com as bases rudimentares de uma empresa familiar que funcionava, em que mais de uma geração se formou, passando pelas múltiplas funções nas quais o trabalho se organizava.

Mais curioso é que não se fazia muito rígida a divisão entre o saber e o fazer, com o poeta, muitas vezes, compondo e imprimindo sua própria criação.

O fato de a Lira Nordestina funcionar para atender a encomendas eventuais, merecendo destaque o programa editorial do CERES, com apoio do Ministério da Cultura e Secretaria da Cultura do Estado, coordenado pelo historiador Otávio Menezes, e com 20 folhetos²⁰ editados em 1986, evidencia o risco de se buscar uma tutela salvadora do Estado, quando a saída estaria numa inserção, cada vez menos provável, da editora em uma economia de mercado, com um olho no turismo de eventos, atividade cada vez mais forte no Ceará.

9 Atualizando a narrativa

O Centro Cultural dos Cordelistas do Nordeste (CECORDEL), fundado em 1987, em Fortaleza, foi um movimento que provocou certo alvoroço na cena do cordel cearense. Faziam parte da associação: João Amaro, Afonso Nunes Vieira, Otávio Menezes, Gerardo Carvalho (Pardal), José Caetano, Vescêncio Fernandes e Guaipuan Vieira. Está meio “desanimado” nos últimos tempos, depois de lançar vários folhetos, promover várias exposições de cordéis e xilogravuras e mostrar que a literatura de folhetos poderia se atualizar.

A fundação da Academia dos Cordelistas do Crato, em 1991, deu novo alento à produção de folhetos no Cariri cearense, visto que cada um dos 12 integrantes da associação literária publicaria

²⁰ O Ceres, nos governos Virgílio Távora e Manoel de Castro, editou cerca de 20 títulos nas gráficas Henriqueta Galeno e Real, ambas em Fortaleza. O projeto editorial era de responsabilidade da professora Itelvina Marly.

um cordel por ano. A Academia contou com uma gráfica, mas sofreu um arrefecimento com a morte do poeta Elói Teles, em 2000.

Fato significativo aconteceu em 1993, quando a Secretaria da Cultura do Ceará (gestão Paulo Linhares) publicou uma caixa com 12 folhetos de Patativa do Assaré. A caixa foi lançada em livro, com o título *Cordéis*, em 1999 (Fortaleza, Edições UFC), e ganhou segunda edição ampliada, pela mesma editora, em 2012, desta feita com 21 folhetos.

A importância da caixa e dos livros se deve deve-se, em primeiro lugar, à reunião do que estava disperso. Nem mesmo Patativa tinha todos os folhetos reeditados pela Lira Nordestina, com capas que recorriam aos entalhes na madeira, pelos gravadores do Juazeiro, depois de lido o relato que seria impresso.

Depois, o fato de a caixa ter sido aprovada pelo poeta, contumaz crítico da produção dos folhetos, que ele considerava uma produção com finalidade comercial. Patativa chegou a taxar os poetas de cordel de “escrevinhadores”.

Inegável que a caixa mostrou um Patativa múltiplo e mais talentoso do que nunca, em poemas de cordel que iam do libelo anti-racista *Sofia e Vicença ou o Castigo de Mamãe* ao gracejo de *Brosogó, Militão e o diabo*. A visão ecológica estava no *Meu livro e Aladim e a lâmpada maravilhosa*, revisitando uma história das mil e uma noites. *O Padre Henrique e o Dragão da Maldade* denunciava a tortura e a morte durante o regime de exceção (1964/1985), enquanto *ABC do Nordeste Flagelado e Emigração* retomava a temática das secas.

A Secult promoveu, também na gestão Paulo Linhares, o Prêmio Ceará de Literatura Popular (1994), que publicaria um livro no âmbito da tradição. Manoel Caboclo foi o vencedor, com *Eu, o índio e a floresta*. Esse mesmo concurso lançou a coletânea *Poesias de cordel*, com 12 folhetos de cordelistas de todo o estado.

A Lira Nordestina continua sem um projeto definido. Ou, quem sabe, a intenção da Universidade Regional do Cariri, cuja estrutura ela integra desde 1988, seja mesmo desativá-la. Tem mudado com frequência de sedes (Estação Ferroviária, Centro de Tecnologia, Centro de Apoio ao Romeiro) e não tem máquinas ou insumos para a produção dos folhetos. Mesmo os clássicos, que faziam parte de seu catálogo, estão sendo impressos por outras instituições ou editoras.

Juazeiro do Norte viveu uma experiência inovadora com a Sociedade dos Cordelistas Mauditos (sic), no início do novo milênio, movimento inovador, lamentavelmente desativado. Essa

experiência contou com a participação de Fanka Santos, de Salete Maria, de Hamurabi Batista e de outros jovens poetas, como Daniel Batata, Camila Alenquer, Edianne Nobre, Fernandes Nogueira, Hélio Ferraz, Junior Boca, Onofre Ribeiro, Orivaldo Batista e Wilson Silman, que tentavam desconstruir o cordel.

O cordel e a xilogravura têm ganhado, cada vez mais, espaços nas edições da Bienal Internacional do Livro do Ceará, e nas escolas, onde são ministradas oficinas, o que tem contribuído para sua maior divulgação.

Fortaleza conta com muitas bancas no centro da cidade que comercializam folhetos, e hoje tem uma editora, a Tupynanquim, do poeta e quadrinista Klévisson Viana. Essa editora, que terceiriza a impressão dos seus folhetos, deu uma sacudida na produção editorial de folhetos, lançou novos autores, tem organizado feiras e mantido uma dinâmica que a credencia como das mais vigorosas casas brasileiras desse segmento.

Merece destaque a produção dos poetas Otávio Menezes e Arievaldo Viana, autores de uma obra que se forma de modo consistente e enraizado. Otávio com uma “pegada” mais pop, fazendo releituras de notícias de jornais e biografias dos Mestres da Cultura. Ilustrador e *designer*, Arievaldo mergulhou nas histórias que ouvia de um sertão ancestral e se afirmou na adaptação dos clássicos para o cordel.

O quadro não estaria completo sem a referência a Paulo de Tarso, JB, Maria Lucilene, José Gilardo Gomes, Eduardo Macedo, Tião Simpatia, poetas que asseguraram a presença do cordel em Fortaleza.

O gravador cratense Walderêdo Gonçalves (1924/2005) foi Mestre da Cultura em 2004, programa de titulação da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará que visa salvaguardar práticas da tradição importantes. O gravador juazeirense Stênio Diniz passou a integrar este rol dos chamados Tesouros Vivos, a partir de 2008/2009.

Como cordelista, também foi reconhecido como Mestre, em 2006, o poeta Sebastião Chicute (1934/2015), de Capistrano. Já Lucas Evangelista, radicado em Crateús, passou a integrar esse rol, juntamente com o poeta Luciano Carneiro, paraibano fixado no Crato, em 2007.

Muitos livros foram publicados, dissertações e teses foram defendidas nesse campo de estudos, que ganhou reforço com a obra de Patativa do Assaré, e com as várias abordagens do cordel e da xilogravura, a partir de Diatahy Bezerra de Menezes, Geová Sobreira, Martine Kunz, Tadeu Feitosa, Cláudio Henrique Sales Andrade, José Erivan de Oliveira, Francisca Pereira dos

Santos (Fanka), Aléxia Brasil, Gisa Carvalho, Cláudia Rejanne, Socorro Pinheiro, dentre outros. Sem esquecer o teatro de Oswald Barroso ou o cinema de Rosemberg Cariri.

Vários cordelistas ganharam perfis e coletâneas de poemas, como João de Cristo Rei, Expedito Sebastião da Silva, Manoel Caboclo, Patativa do Assaré, Moisés Matias de Moura, Neco Martins, Santaninha (potiguar radicado em Fortaleza, no século XIX), Cego Aderaldo, Severino do Horto, e Rouxinol do Rinaré.

No centenário de emancipação política de Juazeiro do Norte, comemorado em 2011, foi lançada uma coleção de 50 cordéis clássicos e outro tanto de contemporâneos, publicados em Fortaleza, pela editora IMEPH.

Pode-se também falar em um cordel “fora do eixo”, longe dos centros que tradicionalmente publicaram folhetos, como o Cariri e Fortaleza, com Pahé Pensa Fundo (Monsenhor Tabosa); Tadeu Durval (Chaval); Raimundo Julião (Baturité); Jairo Leite (Mombaça); Pedro Paulo Paulino (Canindé) e Lourival Coriolano (Tamboril), por exemplo.

Nestes últimos tempos, o cordel ganhou outros referenciais teóricos, como a contribuição de Paul Zumthor, teórico da literatura medievalista e da poética da voz, matrizes da produção de cordel, que tem perdido, ao longo do tempo, a conotação depreciativa de poesia folclórica.

REFERÊNCIAS

ÁLBUM dos quarenta anos de emancipação política de Juazeiro do Norte, 1951.

ALENCAR, José de. **O nosso cancionero**. Campinas: Editora Pontes, 1993.

ANTOLOGIA da Literatura de Cordel. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 1978 e 1980. v. 1 e 2.

ALMEIDA, Átila; ALVES SOBRINHO, José. **Dicionário biobibliográfico de repentistas e poetas de bancada**. João Pessoa: Editora Universitária, 1978. v. 1.

AZEVEDO, Sânzio de. **Breve história da Padaria Espiritual**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

BARROSO, Gustavo. **Ao som da viola (folk-lore)**. Rio de Janeiro: Livraria Editora Leite Ribeiro, 1921.

CAMPOS, Eduardo (Org.). **Eu sou o cego Aderaldo**: minhas memórias de menino a velho. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1965.

CARVALHO, Gilmar de. **Publicidade em cordel**. São Paulo: Maltese, 1994.

- CARVALHO, Gilmar de. **Madeira matriz: cultura e memória**. São Paulo: Annablume, 1999.
- CARVALHO, Rodrigues de. **Cancioneiro do Norte**. 3. ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1967.
- DANTAS, Renato. Literatura de cordel: os folhetos do Padre Cícero. **Boletim do Instituto Cultural do Vale Caririense**, Juazeiro do Norte, n. 5, p.67-81, 1978.
- DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- DINIZ, M. **Mistérios do Joazeiro**. Juazeiro: Tipografia d'O Juazeiro, 1935.
- FERREIRA, Orlando da Costa. **Imagem a letra**. São Paulo: EDUSP, 1994.
- FROTA, D. José Tupynambá da. **História de Sobral**. Fortaleza: Pia Sociedade de São Paulo, 1953.
- GALENO, Juvenal. **Lendas e canções populares**. 3. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1965.
- LESSA, Orígenes. **A voz dos poetas**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1984.
- LITERATURA Popular em Verso. Catálogo. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1961. v. 1.
- LOPES, Ribamar (Org.). **Literatura de cordel: Antologia**. Fortaleza: BNB, 1982.
- MACHADO, Paulo. **O Padre Cícero e a literatura de cordel**. Fortaleza: Grecel, 1982.
- MARANHÃO, Liêdo. **O Folheto Popular, Sua Capa e Seus Ilustradores**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1981.
- MOTA, Leonardo. Cantadores. **Poesia e linguagem do sertão cearense**. 5. ed. Rio de Janeiro: Símbolo, 1978.
- NASCIMENTO, F. S. Subsídios para a história do jornalismo cratense. **A Província**, Crato, n. 3, p.3-14, 99-112, 1955.
- NOBRE, Geraldo. Introdução à história do jornalismo Cearense. Fortaleza: Grecel, 1976.
- PIRES FERREIRA, Jerusa. **Cavalaria em Cordel**. São Paulo: Hucitec, 1976.
- KUNZ, Martine. **Cordel: A Voz do Verso**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2001.
- ROMERO, Silvio. **Estudos sobre a poesia popular do Brasil**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.
- SOBREIRA, Geová. **Xilógrafos de Juazeiro**. Fortaleza: Edições UFC, 1984.

TERRA, Ruth. **A literatura de folhetos nos Fundos Villa-Lobos**. São Paulo: IEB/USP, 1981.

[Recebido: 20 nov. 2017 – Aceito: 21 nov. 2017]